

Os pronomes *nós* e *a gente* no português falado em Rio Branco

Marinete Rodrigues da Silva

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP),
São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil
neety2303@gmail.com.br

Roberto Gomes Camacho

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP),
São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil
camacho@ibilce.unesp.br

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v46i1.1558>

Resumo

O objetivo deste trabalho é apresentar um estudo em tempo aparente da variação dos pronomes *nós* e *a gente*, na fala da comunidade rio-branquense no Acre, seguindo os pressupostos teóricos e metodológicos da teoria da variação e mudança linguística. O corpus foi constituído por 40 gravações, de fala natural, realizadas nos anos de 2011 e 2012. Para a seleção dos informantes, consideramos variáveis sociais como sexo, escolaridade e idade. A variável dependente, alternância entre *nós* e *a gente*, circunscrita à posição de sujeito, objeto e complemento, tem como fatores condicionadores de natureza interna a natureza da referência e a concordância verbal. A análise dos dados permitiu constatar que o sintagma nominal *a gente* parece já estar incorporado à gramática da comunidade rio-branquense, embora ainda esteja em concorrência com a variante *nós*.

Palavras-chave: sociolinguística; variação; pronomes *nós* e *a gente*.

The pronouns *nós* [we] and *a gente* [the people] in the Portuguese variety spoken in Rio Branco

Abstract

This paper has as objective to present a study in an apparent time of the variation between the pronouns *nós* [we] e *a gente* [the people], in the speech community of Rio Branco, in Acre State, following the theoretical and methodological assumptions of the language variation theory and change model. The corpus is constituted by 40 texts of natural speech, recorded in 2011 and 2012. The informants selection was processed on the basis of the social variables, such as gender, educational level and age; the dependent variable, the alternation between *nós* [we] and *a gente* [the people], circumscribed to the position of subject, object and complement, has as internal nature conditioners factors the nature of reference and verbal agreement. The analysis of data suggests that the nominal phrase *a gente* [the people] is already embodied into the grammar of the speech community, albeit still in competition with the variant *nós* [we].

Keywords: sociolinguistics; variation; pronouns *nós/a gente*.

1. Introdução

Pesquisas mostram que, nos últimos anos, a forma substantivada *a gente*, usada como pronome, está em concorrência com a forma pronominal *nós* no Português do Brasil (PB), tendo, inclusive, já se constituído como uma das variantes linguísticas do sistema pronominal. Para comprovar a presença dessa variação no PB, apresentamos a seguir alguns exemplos registrados na pesquisa de Lopes (2003).

- (1) No que o moço cantava/o judeu meteu mentes, e levo-o a ssa casa, / pois se foram as gentes. (século XIII – Cantiga de Santa Maria)
- (2) mas o monge lla cuidou fillar, mas disse-ll a gente. (século XIII – Cantiga de Santa Maria)
- (3) Se esta gente... Não queres padeçam vitupério... (século XIV, Lusíadas, I, 38, 3-5)
- (4) Juiz – Agora vamos nós jantar (Quando se dispõem para sair, batem a porta). Mas um! Estas gentes pensam que um juiz é de ferro! Entre, quem é? (século XIX, O juiz de Paz na roça, Pena 1815-1848).
- (5) *a gente* é obrigada a aturar umas tantas coisas na vida (século XX, O Simpático Jeremias, Tojeiro 1918:27)
- (6) *a genti* comprava aquelas folha i custurava tudu pra istudá, hoje em dia só queri colocá capa num sei di quê, capa num sei du quê... (século XXI, retirado do córpus desta pesquisa)
- (7) *nois* dois nunca brigamu i até hoji si a sinhora vê nossa brincadêra cmu é qui é... (século XXI, retirado do córpus desta pesquisa)

Os exemplos acima mostram que a variante *a gente* sempre existiu no PB, alterando, todavia, ao longo do tempo, sua funcionalidade. As razões dessas alterações podem ser buscadas na Teoria da Variação em termos da atuação de fatores linguísticos e extralinguísticos na fala da comunidade.

O objetivo específico deste trabalho é centrar o foco nesse fenômeno variável, na variedade falada em Rio Branco, Acre, com a finalidade específica de verificar que fatores condicionadores, sejam eles linguísticos ou sociais, interferem nas escolhas de uma ou de outra forma, seguindo os pressupostos teóricos e metodológicos da teoria da variação e mudança linguística desenvolvida por Labov (2008).

O córpus utilizado para a análise provém de 40 gravações de fala natural, obtidas mediante entrevistas feitas com informantes de Rio Branco, realizadas nos anos de 2011 e 2012. A seleção dos informantes levou em consideração as seguintes variáveis sociais: sexo, escolaridade e idade. A variável dependente, alternância entre *nós* e *a gente*, circunscrita às posições de sujeito e de complemento, tem como grupos de fatores condicionadores de natureza interna a especificidade ou não especificidade da referência e a concordância do sujeito com o verbo. Este trabalho se restringe a esses grupos de fatores de natureza interna e externa que foram selecionados como relevantes pelo Goldvarb.

A pesquisa assim delimitada pretende confirmar ou rejeitar as seguintes hipóteses:

- (1) Há uma tendência da variante *a gente* se apresentar com maior frequência por todos os informantes;
- (2) Há uma tendência de falantes de idade mais elevada preferirem a forma conservadora *nós* em vez de *a gente* e vice-versa;

- (3) Há uma tendência de encontrar uma maior frequência de uso da forma inovadora no discurso das mulheres;
- (4) A especificidade da referência favorece preferencialmente *nós* e a não especificidade, *a gente*;
- (5) A concordância de 3ª pessoa favorece o uso da variante *a gente*.

Apresentamos inicialmente uma breve abordagem dos estudos anteriores dos pronomes *a gente* e *nós* e, em seguida faremos a discussão das variáveis consideradas pelo Varbrul como relevantes na aplicação da regra. Finalizam este trabalho as considerações finais.

2. Os pronomes *nós* e *a gente* na literatura

O trabalho pioneiro sobre os pronomes *nós* e *a gente* no Português falado no Brasil foi feito por Omena (1996 apud TAMANINE, 2002, p. 33). A autora analisa, na fala de 48 informantes cariocas, as formas pronominais *nós* e *a gente* na função de sujeito, considerando três variáveis sociais: idade, gênero e escolaridade. Seus dados revelam que o uso de *a gente* ao invés de *nós* tem maior probabilidade quando o falante usa essa forma como primeira menção ao referente na sequência discursiva, que se mantém sem alteração ao longo do texto (adultos 0.81 e crianças 0.78). Quando se usa *nós* como primeira menção sem alteração da referência no texto subsequente, a probabilidade maior é a de que o falante continue usando *nós* (adultos 0.86 e crianças 0.75).

Analisando o grupo idade, Omena (1996 apud TAMANINE, 2002) comprovou que, no discurso dos mais jovens, há uma maior frequência de uso da variante *a gente*, evidenciando forte indicativo, segundo a teoria sociolinguística, de um processo de mudança em curso. O fator escolaridade também é considerado relevante para a alternância das formas *nós* e *a gente*. Segundo os resultados de Omena (1996 apud TAMANINE, 2002, p. 35),

O ginásio influencia o comportamento do falante para que use mais *nós* (.78) e, conseqüentemente, menos *a gente*. Já entre o primário (.66) e o 2º grau (.61) a diferença apresentada no uso de *nós* foi insignificante. Omena atribui o uso elevado de *nós* pelos adultos com primário em razão de que no 4º ano inicia-se o estudo sistemático da conjugação verbal (*nós* com -*mós*). Também essa seria a razão do uso de *nós* no ginásio. Quanto ao 2º grau, o uso elevado de *a gente* é atribuído ao uso da gíria e de mais formas de tratamento informais.

Albán e Freitas (1991) também investigaram a variação *nós* e *a gente* no *cópus* do projeto NURC/Salvador. Os resultados obtidos revelam que idade foi a variável mais significativa, e são os mais jovens (25 a 30 anos) que demonstram preferência por *a gente*, já que os informantes com mais de 56 anos optam mais pela forma *nós*, confirmando, assim como Omena, a mudança em curso (TAMANINE, 2002, p. 35). É importante salientar que Omena analisa o português falado por informantes de baixa escolaridade, enquanto Albán e Freitas (1991), o português culto falado por informantes universitários.

Lopes (1993) analisou a alternância de *nós* e *a gente* no português falado culto do Brasil, com o intuito de observar que fatores sociais e linguísticos condicionam o uso desses pronomes na função sintática de sujeito. Os resultados obtidos pela autora apontam que, no português culto falado, o uso do pronome *nós* é favorecido quando o informante

tem escolaridade de nível superior. Dos grupos considerados na análise, idade e gênero foram escolhidos como mais relevantes. Os informantes mais jovens mostram uma preferência pela forma inovadora, *a gente*, e o pronome *nós* ocorre com maior frequência no discurso dos mais idosos. Quanto ao grupo sexo, são as mulheres que privilegiam o uso de *a gente*, enquanto os homens privilegiam o uso de *nós*, demonstrando serem mais conservadores que as mulheres.

Tamanine (2002), por seu lado, mostra haver preferência de uso pela forma inovadora *a gente* nas cidades de Lages e Blumenau. Quanto à idade, são os mais jovens que mais tendem ao uso de *a gente*, atuando, portanto, como agentes propulsores da mudança. Outro grupo de fatores relevantes para a pesquisa foi escolaridade; na variedade falada em Blumenau, os informantes com maior grau de escolaridade são os que apresentam maior preferência pelo uso de *a gente*.

Silva (2011) investigou os usos linguísticos dos pronomes *nós* e *a gente* na fala dos moradores do bairro de Nazaré, em Belém do Pará. Os resultados mostram que, no discurso dos mais jovens, o *a gente* ocorre com maior frequência. Informantes acima de 46 anos usam mais *nós* (60%), enquanto os mais jovens privilegiam *a gente* (55%). Segundo a autora, esses resultados apontam para a existência de um equilíbrio no uso das duas formas pronominais.

Uma análise comparativa de todos os resultados, representada pela Figura 1, mostra que o grupo de fatores com maior relevância para determinar a mudança em direção a uma possível substituição de *nós* por *a gente* é a distribuição por tempo aparente, propiciada pela diferença de idade, que se verifica na tendência dos informantes mais jovens de favorecerem o uso do *a gente*. Mesmo assim, esse favorecimento não permite falar de mudança entre as duas formas pronominais, considerando a análise do Varbrul em termos de pesos relativos. É com esse tipo de instrumento estatístico que o pesquisador pode interpretar e compreender o resultado final da investigação de fenômenos variáveis.

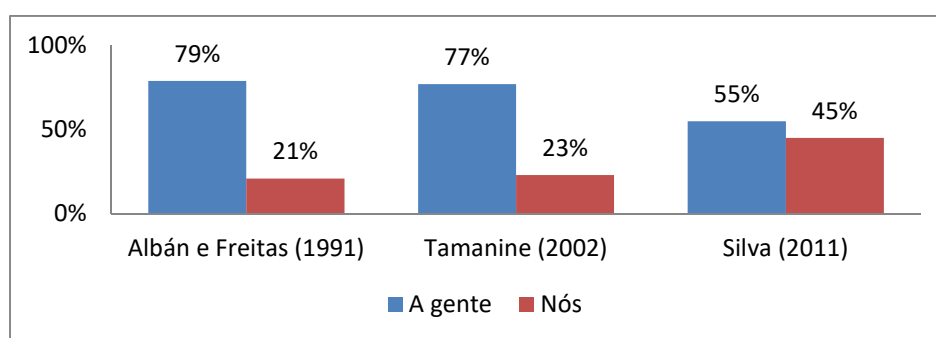


Figura 1. Distribuição dos valores percentuais referente ao uso dos pronomes *a gente* e *nós* na fala dos informantes mais jovens

Outro aspecto observado é o fato de termos, em todas as pesquisas anteriores, uma alternância de usos das formas *a gente* e *nós* no português do Brasil. Para especificarmos um pouco mais esses resultados, expomos na Figura 2, abaixo, alguns dados das pesquisas anteriormente mencionadas.

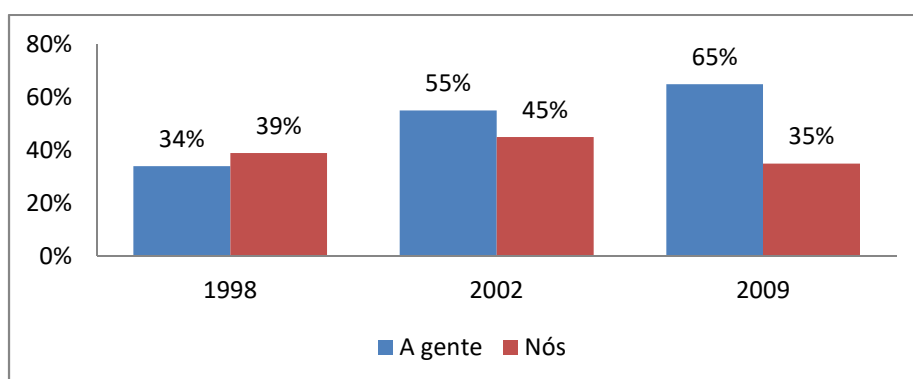


Figura 2. Distribuição geral do uso de *a gente* e *nós* referente aos trabalhos anteriores

Os dados da Figura 2 permitem constatar que a forma *a gente* é mais usada nos anos de 2002 e 2009. Em 1998, os falantes usam com mais frequência a forma pronominal *nós*. Os valores percentuais nos levam a deduzir a ocorrência de um processo de mudança em curso, que, todavia, não é possível afirmar com certeza, uma vez que, conforme já mencionado, as estatísticas mais confiáveis fornecidas pelo Varbrul são pesos relativos e não médias percentuais.

É importante salientar que não apresentamos de forma linear os fatores analisados nos trabalhos anteriores, já que encontramos grupos de fatores diferentes em cada pesquisa, fato que dificulta a comparação entre os resultados e, em consequência, a confirmação da existência de um processo de mudança. Conforme já mencionado, outro ponto relevante é o fato de os trabalhos anteriores não apresentarem pesos relativos.

A seção seguinte apresenta os resultados obtidos em nossa própria análise, seguidos de uma discussão comparativa com os resultados das pesquisas anteriores. Considerando que o objeto de estudo da teoria da variação é a língua falada em uso no contexto social, no caso específico deste trabalho, a comunidade rio-branquense, a análise das formas *a gente* e *nós* se baseia em dados de língua falada. Como se trata de uma análise sociolinguística variacionista, centramos o foco da análise quantitativa nos pesos relativos fornecidos pelo pacote estatístico Goldvarb.

3. As variantes *a gente* e *nós* no português falado em Rio Branco

Mediante amostra dos dados, foram computadas, pelo programa estatístico Goldvarb, 1061 ocorrências de uso das formas pronominais *a gente* e *nós*, das quais 814 (76.7%) são casos de uso do pronome *a gente* e 247 (23.3%) são casos de uso do pronome *nós*, como apresentado na Tabela 1. Nossos resultados corroboram os das pesquisas anteriormente discutidas (OMENA, 1978 apud TAMANINE, 2002; ALBÁN; FREITAS, 1991; LOPES, 1993; TAMANINE, 2002; SILVA, 2011), que apontam para o uso mais frequente da forma *a gente*.

Dos grupos de fatores sociais e linguísticos considerados para a análise, os que apresentaram maior relevância para a aplicação da regra foram sexo, idade, a referência específica ou não específica da forma em uso e o tipo de concordância. Centramos este artigo na análise dos resultados de cada um desses grupos.

3.1 Sexo

Tanto no discurso dos homens (68%) quanto no discurso das mulheres (82%), há uma preferência de uso pela forma *a gente*.

Tabela 1. Distribuição das ocorrências de uso das variantes *a gente* e *nós* por sexo

	A GENTE			NÓS		
	FREQUÊNCIA	%	PESO	FREQUÊNCIA	%	PESO
Masculino	299/439	68.1	0.383	140/439	31.9	0.617
Feminino	515/622	82.8	0.583	107/622	17.2	0.417

Considerando, no entanto, os pesos relativos, a variante *nós* (0.61) tem maior frequência no discurso dos homens, e *a gente*, no discurso das mulheres (0.58). Como se trata de um possível processo de mudança em que a inovadora é a forma *a gente*, são as mulheres que parecem estar liderando-o; é possível, nesse caso, que a relação entre prestígio e estigmatização não se aplique de modo direto entre a variante conservadora (*nós*) e a inovadora (*a gente*).

Esses resultados estão de acordo com os princípios desenvolvidos por Labov (2008), já que, na variedade de Rio Branco, usar *a gente* não consiste em usar a forma não padrão, mas uma forma neutra em termos de prestígio social. Devemos lembrar também que a mudança do contexto leva à mudança de valores sociais compartilhados. Nesse aspecto, o papel da mulher na sociedade atual mudou, com a conquista do mesmo grau de liberdade do homem, além de as mulheres terem assumido diferentes papéis sociais como força de trabalho.

3.2 Idade

O grupo de fatores *idade* é considerado, nos trabalhos anteriores, como fator relevante para a escolha dos pronomes *a gente* e *nós*, revelando a preferência da faixa etária mais jovem pelo uso de *a gente* (OMENA, 1978 apud TAMANINE, 2002; ALBÁN; FREITAS, 1991; MONTEIRO, 1994), o que acena para uma situação de mudança em progresso em tempo aparente.

Os resultados da análise demonstram que esse grupo de fatores realmente influencia a escolha das formas pronominais *a gente* e *nós*, apresentando o valor do *input* acima do ponto neutro (0.781). Constatamos que, independentemente da idade, os informantes usam mais a forma *a gente* do que a forma *nós*. A Tabela 2 apresenta a distribuição das ocorrências computadas pelo Goldvarb.

Tabela 2. Distribuição das ocorrências de uso das variantes *a gente* e *nós* por idade

	A GENTE			NÓS		
	N/TOTAL	%	PESO	N/TOTAL	%	PESO
10 aos 12 anos	230/309	74.4	0.449	79/309	25.6	0.551
15 aos 21 anos	270/314	86.0	0.632	44/314	14.0	0.368
32 aos 51 anos	196/233	84.1	0.597	37/233	15.9	0.403
61 aos 73 anos	118/205	57.6	0.276	87/205	42.4	0.724

Tarallo (1990, p. 65) afirma que a inexistência de diferenças marcantes de uso entre diferentes faixas etárias mostra que o fenômeno em questão consiste mais numa variável estável. Para que se flagre uma mudança em progresso, é preciso que a variante mais inovadora (neste caso, a forma pronominal *a gente*) seja mais frequente entre os jovens, decrescendo em relação à faixa etária mais velha, distribuição não constatada nos dados. Os dados da Tabela 2 mostram, de fato, a existência de uma frequência maior da forma *a gente* entre os informantes mais jovens; ao compararmos, todavia, as duas faixas etárias mais jovens (10 aos 12 anos e 15 aos 21 anos), verificamos haver um decréscimo de frequência no uso da forma pronominal *a gente*, o que parece obstruir um provável processo de mudança em curso. O que dizem os dados, na realidade, é que, independentemente da faixa etária, os informantes usam mais a forma *a gente* do que a forma *nós*. Em razão dessa distribuição, os resultados não favorecem a mudança, mas apenas uma possível tendência a esse processo.

Os dados permitem verificar ainda uma maior frequência de uso da forma *a gente*, na fala dos informantes de 15 a 21 anos (0.63). É difícil deduzir que fatores motivam esse resultado, mas é possível perceber que a escolaridade não interfere nessa distribuição de dados, já que são os informantes com faixa etária intermediária que apresentam em seu discurso maior frequência de uso da forma *a gente*, mesmo dispondo de maior grau de escolaridade, ou seja, ensino superior completo. Em contraposição, os informantes situados na maior faixa etária (mais de 60 anos) são os que mostram uma maior probabilidade de uso da forma pronominal *nós*, independentemente, inclusive, de disporem somente dos quatro anos de ensino fundamental.

Todos os trabalhos anteriores que estudaram esse fenômeno (OMENA, 1978 apud TAMANINE, 2002; ALBÁN; FREITAS, 1991; LOPES, 1998; TAMANINE, 2002) mostram que os mais jovens são os que usam mais a forma pronominal *a gente*, o que parece indicar um processo de mudança, segundo o olhar desses pesquisadores. Essa tendência não é a mesma mostrada por nossos resultados, uma vez que, segundo os dados calculados pelo Goldvarb, a variante *a gente* é favorecida no uso dos informantes situados nas faixas etárias intermediárias. De qualquer modo, são os informantes dessas duas faixas etárias que têm perspectiva de integrar o mercado de trabalho ou já estão nele integrados. Esse fator de mobilidade social pode ativar um apego pela forma inovadora.

3.3 Referência específica e não específica

Analisamos as duas formas pela diferença entre os modos específico e não específico de referência. Consideramos como referência específica quando, no enunciado, o falante faz referência ao sujeito determinado eu + ele; e, como referência não específica, quando, no enunciado, a pessoa do discurso tem uma referência genérica do tipo eu + eu ampliado (BENVENISTE, 1976), conforme exemplificam (8) e (9) respectivamente:

(08) Aí o pai, o fogo tava bem pertim, fez o pai passa devagar com *a gente* aí num dava.

(09) *A gente* se esconde aí elis tem que pega a gente.

No primeiro exemplo, o informante utiliza a forma pronominal *a gente* com referência específica, pois, o contexto do discurso permite inferir que o falante faz referência, na frase, a ele e a seus irmãos. Já no segundo exemplo, a variante *a gente* está sendo usada para estabelecer uma referência não específica; com efeito, para explicar uma

brincadeira, o falante usa a variante *a gente*, com referência a qualquer pessoa, não especificando o sujeito (eu + eu ampliado). É importante salientar que a análise desse grupo de fatores foi realizada com base no contexto discursivo.

Lembremos que uma das hipóteses do presente trabalho é a de que a forma *a gente*, embora seja considerada de referência mais genérica e indeterminada que o pronome *nós*, conforme diz Omena (2000 apud SILVA, 2011), vem ganhando força também na referencialidade específica/determinada. Essa forma que se refere à não pessoa foi-se tornando, paulatinamente, pessoa do discurso nas palavras de Benveniste (1976), sendo, inclusive, no uso atual, um modo de referência à primeira pessoa, no caso, o “eu”, aquele que propõe o enunciado.

Os resultados da amostra confirmam nossa hipótese, já que a forma pronominal *a gente* é empregada com maior frequência em enunciados em que representa referência específica (693/932). Apesar de o uso da forma *a gente* apresentar o maior número de ocorrências, quando o falante faz uso em sua construção frasal do constituinte específico (eu + ele; eu + outra pessoa), é a referência não específica que favorece mais o uso, com peso igual a 0.810, em conformidade com os resultados de Lopes (1999). Estudando a tipologia do sujeito, a autora percebeu a ocorrência de altos índices percentuais e de peso relativo para o uso genérico e impessoal de *a gente* e baixos índices para o emprego dessa forma como referência específica. Esses resultados podem representar uma tendência para uma especificação funcional do uso alternativo de *a gente* e *nós*, com uma distribuição de referência não específica e específica, respectivamente, mas essa dedução ainda necessita de mais pesquisa para ser comprovada.

3.4 Forma de concordância

Para a análise desse grupo de fatores, partimos dos pressupostos da gramática normativa, que rotula como concordância “própria” a forma padrão e como concordância “imprópria” o uso da forma não padrão. Mostramos em (10) e (11) alguns exemplos de concordância padrão e, em (12) e (13), alguns exemplos de concordância não padrão

- (10) Na quinta serie né que *a gente num sabe* de nada aí eles vão explicar pra gente antes de começar as aulas. [...] Marcava o horário Lá na na losa a gente anotava.
- (11) Bom *nois fiquemu* em primero¹.
- (12) Eu e minha Irma *nois tia* que ser o exemplo.
- (13) ... Ai depois que a gente veio imhora pro calafate, ... ai *a gente vemos* pra cá, pra iscolinha ali, não sei se você conhece, escolinha Potigua ali.

Procuramos, portanto, examinar esse grupo de fatores para verificar se a concordância com as variantes estudadas, *a gente* e *nós*, co-ocorre com a 1ª pessoa do plural ou com a 3ª pessoa do singular, para identificar a presença ou ausência de desinência – de número e pessoa.

¹ Apesar do uso da variação não padrão de “ficamos” como *fiquemos*, o que estamos entendendo aqui como padrão é a concordância de primeira pessoa do plural.

Tabela 3. Distribuição de uso das variantes *a gente* e *nós* conforme o fator forma de concordância

	A GENTE			NÓS		
	N/TOTAL	%	PESO	N/TOTAL	%	PESO
padrão	795/949	83.8	0.60	154/949	16.2	0.45
não padrão	19/112	17.0	0.05	93/112	83.0	0.94

Pelos resultados apresentados na Tabela 3, os valores apontam para o favorecimento de *a gente* com o verbo na 3ª pessoa do singular (83.8%, peso de 0.60). Todavia, os pesos relativos para a concordância de *nós* apontam o uso expressivo de concordância não padrão (83,0%, PR de 0,94).

Menon (1997, p. 163) levanta a hipótese de que o falante utiliza a forma pronominal *a gente* na 1ª pessoa do plural por hipercorreção: “[...] o traço de primeira pessoa do plural estaria tão completamente assimilado pelo falante que, por insegurança linguística, faria a concordância de *a gente* com forma verbal de morfema –mos, como forma de demonstrar ‘erudição’”. As gramáticas tradicionais trazem algumas considerações sobre esse tipo, geralmente na seção dedicada à silepse de pessoa:

No português popular, tanto da Europa como do Brasil e de África, a palavra *gente* costuma levar o verbo para a 1.ª pessoa do plural: A gente perdemos sempre, mas nunca que desistimos... (CUNHA E CINTRA, 1985, p. 616).

Encontramos, sobre o português de Portugal, comentário sobre esse uso na parte referente à concordância verbal: “O povo liga frequentemente a gente com o valor de nós o predicado no plural da 1ª pessoa” (DIAS, 1970, p. 32).

Os valores permitem enfatizar a existência de uma maior tendência para o uso da concordância não padrão *nós vai* (PR 0.95), do que para o uso da concordância padrão *nós vamos* (PR 0.42); quanto à concordância do verbo com o sintagma *a gente*, ainda que o falante rio-branquense utilize com maior frequência a forma pronominal *a gente* com verbos de 3ª pessoa do singular (*a gente vai*), o peso relativo é baixo (0.58), quase chegando à neutralidade. É importante lembrar, todavia, que, das ocorrências computadas, encontramos um caso de uso da forma pronominal *a gente vamos*, o que parece indicar um processo de hipercorreção. Em construções com a forma não padrão *a gente vamos*, o valor do peso é totalmente desfavorecedor com um peso relativo de 0.05.

Por mais frequente que seja o uso da forma *a gente* com concordância de 3ª pessoa, não é possível afirmar que esse tipo de ocorrência esteja diretamente vinculado ao conhecimento da norma padrão da língua, uma vez que o uso de *nós* com concordância de 3ª pessoa do singular implica um desconhecimento dos padrões normativos. Esses resultados representam uma evidência da perda das marcas morfológicas (DUARTE, 1993). Em função dessa perda, a preferência do falante rio-branquense pela forma *a gente* com verbo na 3ª pessoa do singular, em consonância com os resultados gerais apresentados por falantes de outras variedades, indica a adoção de uma forma menos comprometedoras em termos normativos, já que o uso de *nós* implica, em boa parte, usar muitas formas proparoxítonas, como *fôssemos*, *levávamos*, *comíamos* etc., que nem sempre o falante menos escolarizado domina completamente.

Diante desses resultados, vemos que os grupos *sexo*, *idade*, *referência* e *tipo de concordância* propiciam o uso da forma pronominal *a gente*, ativando, no português falado em Rio Branco, uma preferência por seu uso em detrimento do uso de *nós*.

Comparando os valores do *input* de cada grupo com o *input* geral, que representa a força da regra, vemos que são esses grupos que garantem a preferência de uso da forma pronominal *a gente*, evidenciando uma mudança no sistema pronominal no português falado em Rio Branco ainda embrionária e não definitiva, em função de coexistência das duas variantes.

Em relação à significância estatística, constatamos não haver nenhuma possibilidade de comportamento aleatório da variável em relação aos grupos de fatores analisados, uma vez que a significância foi 0.000.

Considerações finais

Os resultados permitiram constatar que o sintagma nominal *a gente* parece já estar incorporado à gramática discursiva da comunidade rio-branquense, embora ainda em concorrência com o pronome *nós*. A visão de que a variante *a gente* é considerada não padrão, pela gramática normativa, não é a compartilhada pelos informantes, que, pelo comportamento demonstrado nos dados, não a consideram um erro ou desvio das normas.

Podemos concluir que a comunidade rio-branquense não dispõe de um único recurso para o emprego das formas alternativas *a gente* e *nós*, mas recursos variados em função da contribuição dos fatores sociais e linguísticos. Nesse caso, o grupo de fatores que mais influencia o uso da forma pronominal *a gente* é idade, que, entretanto, carece ainda de dados mais conclusivos para determinar sua relevância em termos de mudança em tempo aparente.

Outro grupo de fatores decisivo é o tipo de referência e a natureza da concordância verbal. O uso de *a gente* é altamente expressivo na fala da comunidade com referência não específica, também mais favorecido com a concordância de 3ª pessoa. Entendemos que esses dois fatores linguísticos são decisivos para determinar uma maior frequência na seleção de *a gente* em detrimento de *nós*.

REFERÊNCIAS

ALBÁN, M. del R.; FREITAS, J. Nós ou a gente? *Estudos linguísticos e literários*, Salvador: UFBA, n. 11, p. 75-89, 1991.

BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral*. São Paulo: Nacional, 1976.

BRUSTOLIN, A. K. B. da S. *Itinerário do uso e variação de nós e a gente em textos escritos e orais de alunos do ensino fundamental da rede pública de Florianópolis*. 2009. 245 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Disponível em: <<http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/93178>>. Acesso em: 13 ago. 2013.

CÂMARA, J. M. Jr. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 30. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

CUNHA E CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DIAS, A. E. da S. *Syntaxe histórica portuguesa*. 5. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1970.

DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (Org.). *Português brasileiro. Uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993. p. 107-128.

GUY, G. R.; ZILLIS, A. *Sociolinguística quantitativa: Instrumental de análise*. São Paulo: Parábola, 2007.

LABOV, W. *O quadro social da mudança linguística*. In: LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LOPES, C. R. S. Nós e a gente no português falado culto do Brasil. *DELTA*, v. 14, n. 2, p. 405-422, 1998.

_____. *A inserção de 'a gente' no quadro pronominal do português*. 1999. 174 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

_____. A inserção de 'a gente' no quadro pronominal do português. *Frankfurt am Maim*, Madrid: Vervuert/Iberoamericana, v. 18, p. 174, 2003.

MENON, O. S. P. Uso do pronome sujeito de primeira pessoa do português do Brasil. *Anais do II ELFE – Encontro Nacional sobre Língua Falada e Escrita*, Maceió, 1997. p. 396-402.

MONTEIRO, J. L. *Pronomes pessoais: subsídios para uma gramática de português do Brasil*. Fortaleza: Edições UFC, 1994.

PAIVA, M. da C. de; DUARTE, M. E. L. *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contracapa livraria, 2003.

SILVA, L. B. C. da. *Nós/agente: variação ou mudança*. 2011. 96 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Linguagens e Cultura) – Centro de Ciências Humanas e Educação, Universidade da Amazônia, Belém, 2011. Disponível em: <<http://www6.unama.br/ppgclc/attachments/article/56/N%C3%B3s%20a%20gente;%20varia%C3%A7%C3%A3o%20ou%20mudan%C3%A7a.PDF>>. Acesso em: 28 out. 2012.

TAMANINE, A. M. B. A alternância nós/a gente no interior de Santa Catarina. 2002. 132 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002. Disponível em: <<http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/24549/D%20%20TAMANINE,%20ANDREA%20MARISTELA%20BAUER.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 13 set. 2012.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1990.

Recebido em: 15/08/2016

Aprovado em: 20/01/2017